



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

DIA DO DIPLOMATA

Palácio do Itamarati
Brasília, DF
20 de abril

No Dia do Diplomata homenageia-se o Barão do Rio Branco, patrono da diplomacia, e se realiza a formatura de mais de uma turma de diplomatas, profissionais da política externa, que, com sua juventude, idealismo e inteligência, continuam a tradição da Casa de Rio Branco.

16 de abril — Os recursos do Japão disponíveis para investimento no Terceiro Mundo não serão aplicados em países com dívidas em atraso e que não tenham acordo com o Fundo Monetário Internacional, como o Brasil. O ministro da Fazenda espera superar estes dois obstáculos rapidamente para obter os financiamentos japoneses.

19 de abril — Termina o prazo dado pelo governo dos Estados Unidos da América para que o Brasil altere sua política de informática. Caso contrário, os EUA prometem adotar sanções comerciais que incluem uma sobretaxa de 100% na importação de produtos brasileiros. O Governo brasileiro acha que este prazo só vence quando se completarem 120 dias da publicação, no Diário Oficial, da lei do software.

Retorno hoje com muito prazer a esta casa no dia dedicado à celebração de seu grande patrono, o Barão do Rio Branco. Homem do seu tempo e para o seu tempo, a

seu gênio nós devemos a consolidação da base física da soberania nacional.

Num mundo em acelerada transformação, a diplomacia tem de ser capaz de lidar com as complexas exigências do cotidiano, à luz dos valores do passado e com uma visão sempre voltada para o futuro. Stendhal concebia o romance como um espelho que o autor passeia ao longo de um caminho. Assim também se pode conceber a política externa, porque é um espelho e uma trajetória.

Política externa pressupõe esforço permanente de reflexão e de análise crítica. Os fenômenos com que lidamos neste campo são extremamente complexos. Resistem às certezas categóricas e aos rigores das ideologias. Raramente admitem respostas peremptórias. Requerem de cada um de nós constante aprimoramento intelectual e um espírito aberto à inovação e à mudança.

Compete ao diplomata, como profissional de política externa, captar este universo em fluxo com grande sentido de permanência.

Vivemos época de grandes transformações. A plenitude democrática dá-nos as condições adequadas para que a presença do Brasil se fortaleça sobre alicerces de autenticidade e legitimidade. A futura Constituição consagrará os princípios fundamentais que informam a política externa do Brasil: a independência nacional, a prevalência dos direitos humanos, a autodeterminação dos povos, a não-intervenção, a igualdade entre os estados, a solução pacífica dos conflitos, a defesa da paz, o repúdio ao terrorismo e ao racismo, e a busca da cooperação e do progresso da humanidade.

Estes princípios respondem ao que há de essencial e permanente na política externa, que é, sem dúvida, a nossa vocação política. Não temos qualquer sorte de litígio internacional, não abrigamos pretensões de hegemonia, não ameaçamos ninguém e não somos ameaçados.

O fortalecimento da paz e da segurança internacional é, assim, objetivo central de nossa atuação externa, devendo ser perseguido com determinação.

Move-nos igualmente o objetivo de ampliar e tornar mais transparentes os processos decisórios em matéria de economia e finanças internacionais. A luta pela criação de condições externas que viabilizem nosso processo de desenvolvimento tem sido uma constante na diplomacia brasileira. Deve continuar. Nosso País necessita crescer, garantir o bem-estar de sua população e aliviar as enormes carências econômicas e sociais que temos de enfrentar. Devemos persistir na busca de soluções adequadas para problemas como a dívida externa, o protecionismo e a desvalorização dos produtos primários.

O Brasil participa com espírito construtivo na economia internacional. Somos uma Nação aberta à cooperação e ao intercâmbio com todos os povos. Não temos qualquer vocação para o isolamento. Não pretendemos fugir aos desafios da competição no âmbito do mercado mundial; temos ampla confiança em nossa capacidade para enfrentá-los.

Meu Governo está consciente de que, neste momento crucial de sua trajetória histórica, o Brasil precisa ir ao encontro do futuro. Precisa preparar-se para ingressar com confiança no século XXI. O domínio das escalas mais avançadas do conhecimento científico, das tecnologias que ditam as novas formas da economia mundial, é uma conquista que não podemos adiar, sob pena de mergulharmos na dependência e na frustração.

Temos um compromisso assumido com a modernidade. É tempo de nos livrarmos de concepções e práticas anacrônicas. O estado é capaz de muito — e deve fazer tudo em benefício da sociedade. Ao longo das últimas décadas, porém, o estado agigantou-se de tal maneira no Brasil que acabou por inibir, em lugar de estimular. Estou firmemente empenhado em reverter esta tendência.

O Brasil não pode permanecer na contracorrente da História. Hoje, o que se observa no mundo é o crescimento notável de novas tendências de abertura. Não como uma ideologia; mas como uma necessidade de afastar os entraves do progresso. O sucesso está ao lado daqueles que têm sabido incorporar-se às grandes correntes internacionais de comércio, de investimentos e de inovação tecnológica: aos

que têm sabido somar, em lugar de dividir; abrir-se e integrar-se, em lugar de isolar-se; adquirir, em suma, condições de competir adequadamente de participar plenamente da grande aventura do desenvolvimento, que conduz a níveis crescentes de prosperidade e bem-estar.

Nós temos recursos humanos e recursos naturais para esse desafio.

San Thiago Dantas dizia que nada é mais difícil do que ser independente; nada é mais difícil do que tomar nas próprias mãos as próprias responsabilidades.

Enfrentaremos este desafio. O Brasil precisa integrar-se decididamente no mundo da modernidade. Somos grandes demais para que nos deixemos seduzir pelo conforto ilusório das atitudes conformistas; para que nos privemos do desafio enriquecedor da competição. Para perder-nos nas águas do populismo inconseqüente.

A tarefa não é fácil, não será fácil.

Muito necessitaremos do concurso do Ministério das Relações Exteriores. Traço de união do Brasil com o mundo, o Itamarati está preparado para assumir nestes momentos de transformação um papel de vanguarda.

Nossa diplomacia é cada vez mais a diplomacia do futuro, a diplomacia das oportunidades, a diplomacia da renovação.

Essa ação de transformar e de criar já vem rendendo frutos notáveis na América Latina. A integração econômica, obra tão adiada na história do continente é agora buscada com vigor e determinação. Queremos crescer juntos com nossos vizinhos e irmãos latino-americanos. Mas ela não seria possível mesmo que tivesse uma decisão política, uma vontade política do Governo, se não tivesse o respaldo dos recursos humanos extraordinários que dispõe a Casa de Rio Branco.

Estamos convencidos de que o crescimento e a afirmação de nossos povos são uma tarefa comum, a ser levada adiante em comum. O mundo do futuro, não perco a ocasião de repetir, será o mundo das economias de conjunto.

Nossas sociedades estão hoje plenamente imbuídas de uma mentalidade de colaboração e confiança mútua. Sepultamos um tipo de visão distorcida que, no passado, alimentou discórdias e rivalidades e só fez retardar nossa conjugação de esforços e recursos em prol dos interesses que nos aproximam.

A participação do Brasil no mecanismo permanente de consulta e concertação política reflete nosso comprometimento com as causas e aspirações da América Latina. Na reunião presidencial de Acapulco, comprovei quanto o Brasil tem a contribuir para o debate e a reflexão sobre os grandes problemas políticos e econômicos que afetam a nossa região.

Idêntico propósito anima o Governo brasileiro na construção de relações mais estreitas e produtivas com nossos irmãos africanos. Relações que espelham autenticamente nosso apoio e solidariedade às nações do continente vizinho, nascidas em lutas heróicas de libertação e que continuam, sobretudo na África austral, a enfrentar adversidades ao seu desenvolvimento e ao exercício de sua soberania. O Brasil seguirá levantando com firmeza sua voz de protesto contra o regime do *apartheid*, instrumento de iniquidade e violência, resquício de um passado de opressão, incompatível com os princípios básicos que norteiam a nossa política exterior.

O encaminhamento das crises políticas internacionais não pode deixar de contar com a contribuição diplomática brasileira.

Foi com essa motivação que voltamos ao Conselho de Segurança das Nações Unidas, renovando nosso compromisso e responsabilidades com a causa da paz.

O ânimo de cooperação pelo qual nos pautamos no sistema internacional leva meu Governo a buscar intensificar também nossos laços com as regiões mais diversas do globo. Em seu espírito universalista, a diplomacia brasileira marcha para um convívio com o mundo, fundamentado no respeito mútuo e na crença de que todos os povos têm algo a ganhar uns com os outros.

Estendemos nosso raio de ação diplomática a todos os quadrantes. As relações com a Ásia, com o leste europeu, com o Oriente Médio, áreas onde crescem os interesses comerciais do Brasil, continuarão a merecer nossa prioridade.

Tudo isso sem abnegar nem subestimar nossas relações com os países desenvolvidos, aos quais estamos ligados com raízes de ideais comuns. Nossa opção pela modernidade determina crescente participação no mundo da inovação tecnológica, do comércio e dos investimentos. Saberemos aproveitar as oportunidades que nos são abertas nestes tempos de mudança e de transformação.

Este é o Brasil que lhes caberá representar. Um Brasil moderno; mais e mais envolvido nas grandes correntes da vida internacional; mais e mais confrontado com desafios e com oportunidades. Ser diplomata, afirmei aqui no ano passado, é ter no sangue a terra e, acrescento, carregar na consciência o sentido permanente da busca de novos caminhos.

A turma que hoje se forma, como as que a precederam e as que as sucederão, constitui elo vital na trajetória de continuidade da diplomacia brasileira. Seu aporte de juventude, idealismo e inteligência não desmerecerá, estou certo, a tradição desta Casa.

Quero também agradecer, em nome do Governo, ao senhor Ministro das Relações Exteriores, Dr. Roberto de Abreu Sodré, a maneira leal e competente com que vem desempenhando as suas funções. Apoiado em figuras excepcionais da diplomacia brasileira, que nesta Casa, dentro e fora, defendem e constroem os interesses do Brasil com o mundo.

Foi feliz e significativa nesse particular a escolha do nome de João Guimarães Rosa para patrono desta turma. A criatividade, o talento original e as dimensões extraordinárias da obra de Guimarães Rosa fazem dele patrimônio inestimável da cultura brasileira. Grande diplomata e notável escritor, Rosa foi, acima de tudo, homem dotado de um sentido profundo de Brasil. Em sua personalidade, reuniam-se harmoniosamente os elementos essenciais ao diplomata: o saber, o amor pelo País, a capacidade de criar e de servir.

Trago-lhes minhas congratulações pelo sucesso com que concluíram sua preparação para a vida profissional, minha palavra de incentivo e meus votos de pleno êxito e felicidade em suas vidas.

Quero, para finalizar, buscar um pouco de inspiração, uma inspiração mais pobre nas palavras aqui proferidas pelo paraninfo da turma, o professor Valadares, quando ele falou que o sertão de Guimarães Rosa era, sem dúvida, um cenário mundial. Um cenário em que existia a permanente ameaça da guerra e a constante e permanente angústia da luta pela paz. Mas o sertão de Guimarães Rosa era também um sertão de ternura. E esse sertão de ternura era um sertão que falava, sobretudo, de suas origens. E é justamente a origem, essas origens que foram tão bem descritas pelo patrono desta turma, que deve estar permanentemente na função de todo diplomata. A origem da sua Pátria, a origem da sua terra. Repito, quanto mais regional, mais universal.